

ALFABETIZAR LETRANDO: A FORMAÇÃO DOCENTE INICIAL E AS PRÁTICAS DE LEITURA E ESCRITA NA ESCOLA PÚBLICA

Evelise Mendonça Cintra¹
Maria Eduardha Santos Hernandes²
Daniela Márcia Silva³
Gleiciene dos Santos Cipriano⁴
Marilurdes Cruz Borges⁵

RESUMO

Este artigo apresenta os resultados de uma experiência formativa vivenciada, no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), por estudantes do curso de Pedagogia da Universidade de Franca (UNIFRAN). O objetivo é relatar e analisar as experiências vivenciadas nas práticas pedagógicas desenvolvidas pelos pibidianos na escola-campo, com a implementação do subprojeto “As diferentes linguagens no processo de alfabetização”. A metodologia adotada é de natureza qualitativa, baseada no relato de experiência, fundamentado em autores como Ferreiro e Teberosky (1985), Freire (1996), Grossi (1990), Curto, Morillo e Teixidó (1985), além dos documentos orientadores do programa *Ler e Escrever* (2014). As atividades foram planejadas a partir de sondagens diagnósticas, que identificaram os níveis conceituais de escrita dos alunos, e envolveram propostas como leitura compartilhada, produção de textos com função comunicativa real (bilhetes) e criação de um ambiente letrado. Os resultados apontam que o respeito às hipóteses infantis e o planejamento de práticas contextualizadas favoreceram o avanço nas hipóteses de escrita, o engajamento dos alunos e a construção de sentidos sobre a leitura e a escrita. As intervenções possibilitaram também a ampliação da compreensão dos pibidianos sobre o papel do professor alfabetizador como mediador do conhecimento e da cultura. Conclui-se que o PIBID potencializa a formação inicial docente ao proporcionar experiências práticas reflexivas, em diálogo com a teoria, reafirmando a alfabetização como um ato pedagógico, social e político.

Palavras-chave: Alfabetização, Letramento, Hipótese de escrita, Práticas reflexivas, PIBID.

INTRODUÇÃO

Participar do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) tem sido uma experiência transformadora para nós, pibidianos do curso de Pedagogia da Universidade de Franca (UNIFRAN). Desde o primeiro contato com a realidade da escola pública, fomos provocados a repensar o papel do professor como mediador de saberes, agente de escuta, diálogo e intervenção

¹ Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade de Franca - SP, evelise.cintra84@gmail.com;

² Graduando do Curso de Pedagogia da Universidade de Franca - SP, mariadudinappgz@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Letras da Universidade de Franca – SP, daniela.mrc.silva@gmail.com;

⁴ Especialista em Neuropsicopedagogia pela Faculdade Metropolitana de Franca - FAMEF, gleicieneciprianoperrone@gmail.com;

⁵ Doutora em Linguística e Língua Portuguesa pela UNESP e CA/CI da Universidade de Franca - SP, marilurdescruz@gmail.com





social, comprometido com uma prática pedagógica crítica e emancipadora. A vivência no contexto escolar nos permitiu observar, de forma concreta, as desigualdades, os desafios estruturais e as potências que atravessam o cotidiano docente, em consonância com os princípios defendidos por Paulo Freire (1996, p. 43), para quem “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

O presente artigo tem como objetivo relatar e analisar as experiências vivenciadas no subprojeto *As diferentes linguagens no processo de alfabetização*, vinculado ao PIBID, com atuação na EMEB Prof. Fausto Alexandre Souza, escola municipal situada em Franca, interior do estado de São Paulo. Atendendo a uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental no período matutino, sob a supervisão da professora Gleiciene dos Santos Cipriano, tivemos a oportunidade de refletir e atuar diretamente em práticas de alfabetização que articulam os conhecimentos teóricos adquiridos na universidade com os desafios e especificidades do contexto escolar.

A justificativa para este trabalho reside na necessidade de compreender a alfabetização como um processo que vai além da simples decodificação de signos linguísticos, exigindo a articulação entre alfabetizar e letrar. Diante dos desafios encontrados nas práticas pedagógicas da escola pública, torna-se urgente promover uma formação inicial docente que valorize o protagonismo do estudante, a mediação ativa do professor e o uso da linguagem em contextos significativos.

O PIBID, ao possibilitar a inserção dos licenciandos na realidade escolar desde os primeiros períodos do curso, fortalece essa formação, permitindo a construção de saberes pedagógicos contextualizados e críticos.

MÉTODO E METODOLOGIA

Para o desenvolvimento deste artigo, adotou-se uma abordagem de natureza qualitativa, fundamentada no método do relato de experiência, que considera as vivências dos sujeitos como fonte legítima de produção de conhecimento (Nóvoa, 1992; Tripp, 2005). As observações realizadas em sala de aula, os planejamentos conjuntos com a supervisora, os registros reflexivos e os diálogos entre bolsistas compõem o *corpus* empírico da análise.

As ações desenvolvidas foram interpretadas à luz de referenciais teóricos que discutem a alfabetização e o letramento, especialmente os estudos de Ferreiro e Teberosky (1985), Soares (2003), Freire (1996), Kleiman (1995) e Curto, Morillo e Teixidó (1985), que contribuíram para compreender a linguagem escrita como construção ativa do sujeito em contextos de uso social.

Durante as atividades desenvolvidas no subprojeto, compreendemos que ensinar a ler e escrever vai muito além da apresentação linear de letras e sílabas. Requer a criação de





situações reais de comunicação em que a criança possa levantar hipóteses, produzir sentidos e atribuir significados à linguagem escrita. A teoria da psicogênese da língua escrita, conforme elaborada por Ferreiro e Teberosky (1985), nos permitiu reconhecer que cada tentativa da criança representa uma etapa significativa na construção do conhecimento, cabendo ao professor organizar situações didáticas que estimulem e respeitem esse processo.

Nesse sentido, a prática alfabetizadora precisa superar abordagens mecanicistas e valorizar a função social da leitura e da escrita. Como defendem Curto, Morillo e Teixidó (1985, p. 65), “as crianças precisam compreender que se lê e se escreve para comunicar algo a alguém, em contextos concretos e com objetivos definidos”. Uma proposta pedagógica coerente com essa perspectiva deve integrar alfabetização e letramento, promovendo o desenvolvimento integral do estudante e sua inserção crítica na cultura escrita.

As atividades desenvolvidas no subprojeto foram fundamentadas na Base Nacional Comum Curricular (BNCC), especialmente na unidade temática *Análise linguística/semiótica*, que contempla a compreensão da relação grafema/fonema, a escrita espontânea e/ou convencional, bem como a construção da autonomia da escrita. Essas práticas tiveram como objetivo diagnosticar o nível de desenvolvimento dos alunos, compreender as fases da alfabetização, planejar intervenções personalizadas, garantir o direito à aprendizagem e respeitar o tempo e os percursos individuais de cada estudante.

As habilidades da BNCC mobilizadas durante as atividades, embora não mencionem diretamente a prática de sondagem, fundamentam as observações realizadas nas hipóteses de escrita dos alunos e orientam as intervenções pedagógicas. Entre elas, destacam-se:

EF01LP04 – Reconhecer o sistema de escrita alfabética como representação dos sons da fala.

EF01LP05 – Escrever palavras e frases de forma convencional, considerando as regras do sistema de escrita.

EF01LP06 – Utilizar estratégias para escrever palavras desconhecidas com base no conhecimento das correspondências grafofônicas.

EF01LP07 – Revisar e reescrever textos com ajuda do professor e dos colegas, aprimorando aspectos da escrita. (Brasil, 2018)

Essas habilidades estão relacionadas ao processo de alfabetização nos anos iniciais do Ensino Fundamental e sustentam a prática de sondagem diagnóstica, permitindo ao professor mapear o percurso de aprendizagem de seus alunos e promover uma mediação eficaz. Dessa forma, a metodologia adotada privilegia a escuta pedagógica e a construção de saberes que articulam teoria e prática em consonância com o compromisso ético e formativo do PIBID.



As atividades desenvolvidas no âmbito do PIBID, junto a uma turma de 1º ano do Ensino Fundamental, proporcionaram uma rica experiência de formação docente inicial, marcada pelo entrelaçamento entre teoria e prática. Desde o início do trabalho na escola-campo, realizamos, sob orientação da professora supervisora e da coordenadora de área, um diagnóstico inicial das hipóteses de escrita dos estudantes, com base nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1985). Por meio de sondagens diagnósticas, identificamos que a maioria das crianças se encontrava nos níveis pré-silábico, silábico e silábico-alfabético, conforme também orientam Grossi (1990) e o programa *Ler e Escrever* (2014). Os dados coletados nas sondagens foram fundamentais para o planejamento de intervenções pedagógicas ajustadas às necessidades reais dos alunos.

Figura 1 – Atividade de Sondagem



Fonte: registro das pibidianas

Com base nesses diagnósticos, organizamos sequências didáticas que articulavam ludicidade, práticas sociais da linguagem e respeito às hipóteses de cada criança. Trabalhamos com propostas como leitura compartilhada de textos e produção de bilhetes simples para os colegas, estratégias que se mostraram eficazes para promover o engajamento dos alunos e ampliar o sentido atribuído à escrita. A construção de um ambiente alfabetizador rico em textos e materiais diversos — com cantinhos de leitura, murais, cartazes e acervo literário variado — contribuiu para que as crianças reconhecessem o propósito de ler e escrever, mesmo antes de dominar plenamente o sistema alfabético. Como orienta o



Guia Ler e Escrever (2014, p. 21), a sala de aula deve ser “rica em informações sobre a escrita, estimulando o aluno a ler e a escrever mesmo antes de dominar convencionalmente o sistema”.

A prática de leitura é realizada diariamente pelo professor supervisor. Nós propomos para isso o uso de cantigas, parlendas e textos da tradição oral que despertou o interesse e foi especialmente eficaz entre os estudantes que ainda não dominavam a escrita convencional, pois possibilitou a participação coletiva, favorecendo a memorização e a identificação de estruturas linguísticas familiares. A cada atividade de leitura, promovemos momentos de escuta, debate, levantamento de hipóteses e interpretação coletiva. Todos os alunos foram convidados a participar com inferências, opiniões e relações com suas vivências. Esse tipo de mediação alinha-se ao *Guia Ler e Escrever* (2014, p. 26), que propõe “planejar momentos que possibilitem a construção de sentido, com discussão, confronto de opiniões e explicações”. Além de favorecer o desenvolvimento da compreensão leitora, essas práticas fortaleceram o sentimento de pertencimento dos alunos às atividades de linguagem e à própria cultura escrita.

Figura 2 – Atividade de Leitura



Fonte: registro das pibidianas

As práticas de produção textual envolveram destinatários reais, visto que os bilhetes tinham um objetivo e destinatário específico, um colega da classe, mostrando ser uma atividade contextualizada e significativa, conforme reforça os apontamentos de Curto, Morillo e Teixidó (1985, p. 106), ao afirmarem que “as crianças precisam compreender que se lê e se escreve para comunicar algo a alguém, em contextos concretos e com objetivos definidos”. Observamos que, ao perceberem o uso social da escrita, os alunos passaram a se envolver com mais entusiasmo nas tarefas, compreendendo melhor a proposta da atividade. A escrita tornou-se, assim, uma forma legítima de comunicação e expressão.

Implementamos ainda atividades de escrita inspiradas nas propostas de alfabetização dialógica, como o preenchimento de balões em tirinhas, listas de personagens, jogos de rimas e brincadeiras com sílabas móveis. Essas atividades favoreceram o avanço nas hipóteses ortográficas, pois promoveram o raciocínio sobre o funcionamento do sistema alfabético de maneira lúdica e contextualizada.





Ao longo do processo, compreendemos que alfabetizar não é ensinar letras isoladas, mas promover a inserção do sujeito em práticas sociais de linguagem. O professor, nesse contexto, assume o papel de mediador, aquele que constrói pontes entre os saberes prévios da criança e os novos conhecimentos que ela precisa elaborar. Como afirma Freire (1996, p. 68), “a leitura do mundo precede a leitura da palavra”, o que implica reconhecer que cada aluno chega à escola com experiências de linguagem que devem ser valorizadas no processo educativo.

As experiências vividas reafirmaram a importância de uma prática pedagógica planejada, sensível às necessidades dos alunos e comprometida com a promoção de uma alfabetização significativa, crítica e cidadã. A escuta ativa, o diálogo, a reflexão coletiva e o respeito aos tempos e modos de aprender de cada criança foram elementos centrais no fortalecimento do vínculo entre os pibidianos e os alunos. Com isso, os resultados observados não se limitaram ao avanço nas hipóteses de escrita, mas também envolveram o desenvolvimento da autonomia, da participação e da autoria dos estudantes no processo de produção de sentidos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A experiência vivenciada no âmbito do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) constituiu um importante marco em nossa formação inicial à docente, ao possibilitar a articulação concreta entre teoria e prática no contexto real da escola pública. A inserção em uma turma do 1º ano do Ensino Fundamental, com foco prioritário na alfabetização, nos permitiu compreender, com maior profundidade, que o processo de ensinar a ler e escrever demanda mais do que a apresentação sistemática de letras e sílabas, exige planejamento intencional, escuta ativa, mediação qualificada e sensibilidade para reconhecer as hipóteses e os modos de aprender de cada criança.

Ao fundamentarmos nossa prática nos estudos de Ferreiro e Teberosky (1985), Freire (1996), Grossi (1990) e no programa *Ler e Escrever* (2014), foi possível elaborar propostas pedagógicas coerentes com uma concepção de alfabetização que valoriza a linguagem como prática social. As sondagens diagnósticas, a produção de textos com função comunicativa real, a leitura compartilhada e a criação de ambientes letrados revelaram-se estratégias potentes para o desenvolvimento das competências leitoras e escritoras dos alunos.

Os resultados observados indicam avanços significativos nas hipóteses de escrita, no engajamento dos estudantes e na apropriação de práticas de linguagem com sentido e propósito. Além disso, o processo formativo vivido, na experiência de participar do PIBID, nos levou a refletir criticamente sobre o papel do professor como agente transformador, comprometido com a construção de uma educação mais justa, democrática e significativa.

Assim, reafirmamos que a formação inicial à docência precisa ser pautada na prática reflexiva e dialógica, em contextos reais e colaborativos. Desse modo, o PIBID cumpre uma função





indispensável ao proporcionar espaços de vivência pedagógica que integram saberes acadêmicos, experiências escolares e compromisso ético com a transformação social pela via da educação.

AGRADECIMENTOS

À CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pelo fomento, apoio financeiro e incentivo ao Programa de Formação Inicial à Docência – PIBID.

REFERÊNCIAS

- ARROYO, Miguel González. *Ofício de mestre: imagens e auto-imagens*. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.
- CURTO, Lluís Maruny; MORILLO, Maribel Ministrall; TEIXIDÓ, Manoel Miralles. *Escrever e ler: como as crianças aprendem e como o professor pode ensiná-las a escrever e a ler*. Porto Alegre: Artmed, 1985.
- FERREIRO, Emilia; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. 17. ed. Porto Alegre: Artmed, 1985.
- FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- GROSSI, Estela Parucker. *Didática do nível pré-silábico*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990.
- GROSSI, M. G. *A criança na fase inicial da escrita: algumas reflexões*. Cadernos de Pesquisa, São Paulo, n. 73, p. 37-42, nov. 1990. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/index.php/cp/article/view/1510>. Acesso em: 25 jul. 2025.
- KLEIMAN, A. B. *Modelos de letramento e as práticas de alfabetização na escola*. In: KLEIMAN, A. B. (org.). *Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 1995. p. 15-61.
- KUCYBALA, Tânia Regina. A alfabetização como construção contínua. In: FERREIRO, Emília; TEBEROSKY, Ana. *Psicogênese da língua escrita*. Porto Alegre: Artmed, 1985.
- LIMA, E. C.; SCLIAR-CABRAL, L. *Programa Ler e Escrever: alfabetização e letramento*. São Paulo: SEE/SP, 2014. (Guia de planejamento do professor alfabetizador – 1º ano). Disponível em: <https://www.educacao.sp.gov.br/ler-e-escrever/>. Acesso em: 25 jul. 2025.
- MARIA, Ilka. Níveis conceituais da escrita. 2011. Disponível em: <http://sabidinhosdaioio.blogspot.com.br/2011/04/niveis-conceituais-da-escrita.html>. Acesso em: 25 jul. 2025.
- SOARES, Magda. *Letramento e escolarização*. Revista Brasileira de Educação, n. 23, p. 5-17, jan./abr. 2003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/XzpJXvWNytTrFqSJFQFsjPy/?lang=pt>. Acesso em: 25 jul. 2025.
- TEBEROSKY, Ana; COLOMER, Teresa. *Aprender a ler e a escrever: uma proposta construtivista*. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- TRIPP, D. *Pesquisando a prática profissional*. Trad. Eliana Guerra. São Paulo: Cortez, 2005.





ZEICHNER, Kenneth. *Repensando as conexões entre a formação na universidade e as experiências de campo na formação de professores em faculdades e universidades*. Educação & Sociedade, Campinas, v. 31, n. 113, p. 15-39, jan./abr. 2010.

